

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS POSSÍVEIS DA CLÍNICA BIONIANA

Ignacio Gerber¹

O Tao-Te-King é um dos cinco livros clássicos da filosofia chinesa. Atribui-se a autoria a Lao-Tsu que teria vivido há 2600 anos, mas o livro é certamente uma compilação da sabedoria multimilenar taoísta e Lao-Tsu talvez um personagem em parte lendário. Compõe-se de oitenta e um poemas que buscam, através das palavras possíveis, transmitir uma cosmovisão que se baseia no *Tao*: uma ordem cósmica, uma lógica universal que nos abrange mas nos escapa porque está além de nossa captação sensorial finita. Na falta de uma palavra que possa dar conta dele, o Tao é traduzido por *caminho*, *caminho perfeito*, *realidade essencial*, *verdade última*, ou simplesmente *Verdade*. O taoísmo é uma filosofia essencialmente prática e pragmática; sua meta é alcançarmos a paz interior nos integrando a esse caminho natural, essa verdade imaterial que transcende suas manifestações materiais. Krishnamurti, por sua vez, é um grande pensador moderno que provém de outra linhagem filosófica milenar desenvolvida na Índia desde os Vedas até o budismo tradicional e deste ao Zen, talvez a versão mais abstrata e atual desse conhecimento universal. Ele é um contemporâneo contemporâneo de Bion. Ambos nasceram na Índia mas Bion a abandona aos oito anos para cultivar sua cultura *genealógica* na Inglaterra. Parece-me evidente, principalmente para psicanalistas, que esses primeiros anos vividos sob os cuidados diários de uma Ayah (babá) hindu moldaram seu imaginário mítico-emocional.

¹ Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Imagino a perplexidade de algum leitor psicanalista diante desta estranha introdução a um artigo que se propõe a falar das possíveis características de uma clínica bioniana. Bem, citarei a seguir fragmentos do Tao Te King, de Krishnamurti e de Bion e penso que as aproximações ficarão evidentes e mais que isso, escolho essa abordagem porque estou convicto de que ela facilita muito a compreensão das idéias de Bion, principalmente a atitude “sem memória, sem desejo, sem entendimento” por ele proposta e que tem causado dificuldades para tantos psicanalistas que se dispõem a conhecê-lo.

Tao-Te-King

Poema 1

O Tao que pode ser posto em palavras já não é o Tao.

.....

Livres de desejo captamos a verdade (o Tao).

Presas do desejo captamos apenas suas manifestações.

.....

A fonte do mistério é o obscuro.

O obscuro profundo, a porta de toda a compreensão.

Poema 2

O Tao é como o eterno vazio, pleno de infinitas possibilidades.

Poema 12

As cores cegam o olhar.

Os sons ensurdecem a audição.

Os sabores amortecem o paladar.
Os pensamentos dispersam a mente.
Os desejos esgotam o coração.

Poema 14

O Tao não tem princípio nem fim.
Não podemos conhecer o Tao, mas podemos ser-o-Tao.

Krishnamurti

“A mente deve estar completamente vazia para poder receber... uma mente ocupada cria aquilo de que se ocupa.”

“Sem pensamento não há pensador... o pensamento é a continuação do passado e aquilo que continua não pode ser livre.”

Bion em “Pensamentos Revisitados” (“Second Thoughts”)

“Pensamentos existem sem um pensador. A idéia de infinito é anterior à idéia de finito. O finito é conquistado do infinito obscuro e sem forma [o inconsciente?] (p. 166)

Bion em “Atenção e Interpretação”

“Em psicanálise, não mais do que em outras investigações científicas, não se pode enunciar os eventos de modo direto, indubitável ou incorrigível. Vou usar o símbolo **O** para denotar aquilo que é a realidade última, representada por termos como realidade última, verdade absoluta, a divindade, o infinito, a coisa-em-si. (...) **O** pode “tornar-se” mas não pode ser “conhecido”.” (p. 41)

“O analista precisa focalizar sua atenção sobre **O**, o desconhecido e incognoscível. O analista não pode estar identificado com **O**: ele precisa *sê-lo*.” (p. 42)

“Os místicos religiosos provavelmente foram aqueles que chegaram mais perto de conseguir expressar a experiência da verdade absoluta. A existência desta verdade é igualmente fundamental para a ciência e para a religião.” (p. 44)

“Pode-se perguntar qual seria o estado de mente bem-vindo [para o psicanalista], já que memórias e desejos não o são. Um termo que expressaria de modo aproximado o que necessito expressar é “fé” – fé de que existe uma realidade última e verdade – o “infinito desprovido de forma” – desconhecido, incognoscível. É necessário acreditar nisso com relação a todo e qualquer objeto do qual a personalidade possa estar consciente. (...) Em minha visão, esta é uma afirmação científica, pois para mim “fé” é um estado de mente científico e deve ser reconhecido como tal. ” (p. 46)

“Freud falava em “cegar-se artificialmente”. Tenho assinalado a importância da abstinência de memória e desejo como um método para

conseguir essa cegueira artificial. Para continuar e estender o processo [psicanalítico], incluo como propriedades das quais devemos nos abster: o entendimento [compreensão racional] e a percepção sensorial. Pode parecer impossível suspender memória, desejo, entendimento e impressões sensoriais sem uma absoluta negação da realidade; mas o psicanalista está buscando algo que difere do que normalmente se conhece como realidade [está buscando **O**].” (p. 57)

Mesmo atentos para as diferenças e especificidades datadas das abordagens acima não nos pode escapar as semelhanças possíveis entre **O** e o **Tao**, e a atitude do ser humano que possa propiciar estar Uno com eles. Quando Bion propõe essa busca do **O** como verdade última ele não está pensando numa verdade única universal ou canônica, mas na “pequena-grande” verdade impermanente da experiência emocional compartilhada por analista e analisando no momento vivido, no aqui-agora. Podemos relacionar essa verdade do momento vivido com o *Te* do Tao-Te-King. Traduzido habitualmente como *virtude*, ele aponta para uma atitude humana que esteja de acordo com essa verdade abrangente do *TAO*. O *King* pode ser traduzido por livro ou sabedoria.

Penso que podemos dividir os fundamentos da psicanálise inventada por Freud a partir da postulação do Inconsciente, fundamento fundante, em duas vertentes: por um lado uma série de *conjecturas teóricas*: genéticas, biológicas ou históricas, entre as quais podemos citar o complexo de Édipo, a sexualidade infantil, a teoria das pulsões, etc., e por outro lado uma *atitude do analista* em seu trabalho no consultório junto a seu analisando que lhe permita um acesso a seu próprio Inconsciente e através dele ao Inconsciente do analisando. Freud denominou essa atitude *atenção flutuante*, ou *atenção*

livremente suspensa, ou ainda *audição sem seletividade*, cegar-se artificialmente, lançar um facho de escuridão que nos revele a verdade oculta. Entendo que a atitude proposta por Bion: *sem memória, sem desejo, sem compreensão*, é uma recriação da atitude de *atenção flutuante* proposta por Freud, e como vimos acima a expressão “sem memória, sem desejo” é quase textual no Tao-Te-King.

Da mesma maneira podemos distinguir os *fundamentos teóricos* e a *atitude prática* dessa filosofia pragmática que nos vem do oriente. A vertente teórica tem como base os conceitos de interdependência e de impermanência. A interdependência pode ser definida de maneira simples: tudo tem a ver com tudo. Embora a ciência clássica procure dividir e reduzir os fenômenos para poder compreendê-los e quando possível matematizá-los, ninguém desconhece que existe uma interconexão entre todos os eventos cósmicos, e o Inconsciente funciona exatamente dentro deste princípio: o Inconsciente generaliza qualquer objeto em todas as suas infinitas conotações. Por sua vez, a impermanência exprime a fluência dos fenômenos. Nada permanece como era: tudo está em permanente mudança. Aceitar esses princípios nos torna mais conscientes de nós mesmos como partes mutantes do *Todo* (o **Tao**) e portanto mais humildes e realistas. Como consequência desses fundamentos teóricos decorre uma *atitude de vida* norteada por um sentimento de desapego do próprio ego e de compaixão pelo próximo, baseada numa compreensão da alteridade que poderíamos chamar de Amor. Penso que esta atitude de vida se aproxima da proposta por Bion para o psicanalista em seu consultório.

Podemos rastrear as raízes teóricas da clínica bioniana em Freud e Klein. Em Freud, temos uma vertente teórica privilegiada no texto “Os dois princípios de funcionamento mental”, ou seja, *princípio de prazer* e *princípio de realidade*. A partir desses dois princípios Bion desenvolve sua teoria do

pensamento que tentaremos resumir: para abrir mão do funcionamento baseado totalmente no princípio de prazer e poder aceitar o princípio de realidade é necessária uma tolerância à frustração pois nenhuma realidade daria conta das expectativas alucinatórias do princípio do prazer, ou seja, ser capaz de *pensar* aceitando a limitação da palavra como substituta da ausência do objeto idealizado; interpor um pensamento que torne tolerável um tempo de espera entre a demanda pulsional e sua realização possível: o princípio de prazer modificado.

Entre as raízes kleinianas também podemos distinguir as duas vertentes: a teoria e a atitude. Na atitude a ênfase no *aqui-agora* da sessão, na transferência total, na experiência emocional entre analista e analisando – ênfase na relação de objeto. As raízes teóricas são várias, vamos tentar realçar algumas delas: o *Édipo primitivo*, as *posições esquizo-paranóide e depressiva*, o mecanismo da *identificação projetiva*, a dualidade *pulsão de vida - pulsão de morte*. Partindo da suposição que o leitor esteja familiarizado com esses conceitos, vamos focalizar as expansões que Bion criou a partir deles e que na minha opinião constituem paradoxalmente uma continuidade e uma ruptura radical.

Enquanto Klein antecipa o complexo de Édipo para os primeiros meses de vida, Bion antecipa mais radicalmente em direção a pré-concepções inatas em que a triangularidade já está inscrita filogeneticamente, na expectativa de sua realização vivida. Isto se aproxima das idéias finais de Freud – em “Moisés e o monoteísmo”, por exemplo – de uma *herança arcaica* filogenética constituindo o *Id*, o Inconsciente não-reprimido.

Klein propõe as posições esquizo-paranóide e depressiva: EP → D, com a flecha numa única direção apontando para um desfecho favorável quando existe tolerância à frustração e portanto tolerância à depressão. Bion

inova ao colocar a flecha nos dois sentidos EP ↔ D, e propõe que é um mecanismo normal de comunicação humana, tornando-se patológico apenas quando excessivo ou maciço e que acontece em transições fluentes, em constantes passagens de uma posição à outra. Em outras palavras, é preciso desconstruir para crescer, e a oscilação entre ambas as posições é a essência do processo de pensar.

A identificação projetiva que prefiro chamar “emoções induzidas” adquire com Bion também uma conotação de comunicação emocional necessária e que passa a ser patológica diante da incapacidade de conter em si mesmo as cargas emocionais de ansiedade sem projetá-las automaticamente para dentro de um continente externo: outra pessoa. Bion propõe que a capacidade da mãe de conter a ansiedade do seu bebê – que ele vai denominar *reverie* – é que desenvolve na criança sua própria continência para emoções perturbadoras. É no seu livro “Aprender da experiência” - penso eu uma abreviação de “Aprender da experiência emocional” – que Bion desenvolve sua teoria do pensamento a partir dos conceitos acima. Poderíamos resumir-la como: o pensamento se desenvolve a partir da tolerância à frustração, e quando tudo nos é dado e nada falta, o pensamento não se desenvolve.

Em relação ao dualismo Pulsão de vida – Pulsão de morte, parece-me que Bion está mais próximo da formulação dualística final de Freud de um impulso (*Trieb*) de unir e um impulso de separar, agindo em oscilações perenes, como opostos complementares cuja harmonização leva ao equilíbrio psíquico; ou seja, uma expansão de um dualismo clássico tipo bom versus mau.

Penso que Bion realiza de certo modo uma volta a Freud ao valorizar as interfaces da psicanálise com todas as outras áreas do conhecimento, num momento em que, pressionada pela necessidade de afirmação de sua

especificidade por parte das corporações institucionais (ou como dizia Bion em seu texto “A grade”, “a belicosa quadrilha psicanalítica”), a psicanálise tendia a se fechar sobre si mesma. Como exemplo segue-se uma relação parcial de citações de Bion em seus vários escritos:

Filósofos como Kant, Descartes, Nietzsche, Pitágoras, Platão, Montesquieu, Berkeley, Hume.

Místicos: Jesus, San Juan de la Cruz, Tereza de Ávila, Meister Eckart, Isaac Luria, Gershon Sholem, Martin Buber, Teilhard de Chardin, além de referências ao Bhagavad Gita e ao Tao.

Poetas: Lord Byron, Rudyard Kipling, John Keats, John Milton, Shakespeare, Shelley, Lewis Carrol.

Matemáticos, físicos e lógicos: Alfred Tarski, Gottlob Frege, Euclides, Werner Heisenberg, Max Plank, Henri Poincaré, Karl Popper, Bertrand Russel, Whitehead, Niels Bohr.

Linguistas: Fenollosa, Charles Peirce.

E mais: Darwin, Keynes, Henry Moore, etc, etc.

Como trabalharia Bion em sua clínica a partir desses pressupostos teóricos mas principalmente a partir da atitude *sem memória, sem desejo, sem entendimento, em busca do O*, que não pode ser conhecido mas pode ser *intuído* através de um *ato-de-fé* que nos torna *Unos* com o **O**? Bion procura responder na página 68 de “Atenção e interpretação”:

“Para conseguir um estado de mente essencial para a prática da análise, evito qualquer exercício de memória; não faço anotações. Quando fico propenso a lembrar dos eventos de qualquer sessão em particular, resisto à tentação. Caso me veja vagueando mentalmente no âmbito da memória,

desisto. Nisso, minha prática difere da visão de que os psicanalistas deveriam ter anotações; ou deveriam encontrar algum método para registrar sessões por meio de um dispositivo mecânico; ou deveriam treinar para ter uma boa memória. Quando descubro estar sem qualquer indicação do que o paciente está fazendo, sentindo que o segredo está escondido em algo que esqueci, resisto ao impulso de lembrar o que aconteceu ou como interpretei algo acontecido em uma ocasião anterior. Quando algum pedaço de lembrança começa a se intrometer, resisto a seu apelo, não importa o quanto a recordação possa parecer premente ou desejável.

Sigo um processo similar no que tange a desejos: evito entreter desejos e tento dispensá-los de minha mente. (Não é suficiente tentar fazer isto na sessão, pois é tarde demais; é necessário impedir que o hábito de desejar se desenvolva.) Por exemplo, penso que é uma falha grave nos permitirmos desejar o término de uma sessão, semana, ano; interfere no trabalho analítico permitir que desejos a respeito da cura do paciente, de seu bem-estar ou futuro penetrem na mente. Tais desejos corroem a força do analista para analisar e levam a uma deterioração progressiva de sua intuição. A introspecção irá mostrar o quanto memórias e desejos são disseminados e freqüentes. Eles estão constantemente presentes na mente, e a disciplina para seguir meu conselho é difícil. Existem exceções, todas de um tipo simples e óbvio.”

Segundo Bion, entre as condições mínimas para um psicanalista emitir uma “*linguagem de êxito*” transformadora para seu analisando estão sua capacidade de *continência* e *paciência*. Continência das ansiedades em jogo – suas e do analisando – e paciência para aguardar a revelação intuitiva da verdade do momento emocional vivido, **O**, sem apelar para interpretações precipitadas com a função de se tranquilizar.

Costuma-se dividir a obra de Bion em várias fases, tais como: fase das teorias do pensamento neurótico e psicótico, fase das conceituações matemáticas – “Elementos de psicanálise” (seguindo o modelo de Euclides) e “Transformações” – e fase mística, a partir de “Atenção e interpretação”. Penso eu que é neste último livro que Bion completa sua visão da psicanálise e do mundo. Sua linguagem é de um modo geral difícil para um leitor que procure um manual de instruções racional e normativo para sua prática. Pelo contrário, Bion reafirma que cada analista tem de criar sua própria psicanálise; em uma palestra ele afirmou: “se um analista se desse conta da turbulência emocional que pode eclodir numa sessão, ele entraria em pânico antes de qualquer atendimento”. Eu sinto, a partir de minha experiência pessoal, que essa inquietude saudável diante do que está para acontecer na próxima sessão permanece sempre em mim. Parafraseando Rilke, tomo a liberdade de fazer uma “recomendação para jovens analistas”: Se esperam uma prática profissional assentada, tranqüila e repetitiva, “Lasciate Ogni Speranze”...

Bion utiliza o termo *arrogância* como um quase sinônimo de estupidez para definir a atitude de um “conhecedor” que pensa que sabe tudo e se recusa a aprender algo com o outro; algo novo que demonstra a própria limitação do seu conhecimento finito diante do desconhecido infinito. Se dar conta disso pode produzir no arrogante uma percepção traumática de si que Bion chamou “*mudança catastrófica*”. Encontramos exemplos na nossa prática clínica com analisandos que repetem indefinidamente suas experiências emocionais frustrantes e parecem recusar possíveis novos caminhos que o processo psicanalítico possa abrir. Toda mudança verdadeira é sentida como catástrofe. Outro exemplo é a frase do pensador Zen Shunriu Suzuki: “A mente do principiante tem muitas possibilidades. A mente do “conhecedor” tem poucas possibilidades”. Entendo que o que Suzuki propõe

não é uma recusa do conhecimento, mas pelo contrário, não nos saturarmos dele e permanecermos abertos ao que não sabemos.

Bem, seria um ato de extrema arrogância pretender expor as características da clínica bioniana num artigo limitado. Optei por relativizar o título que me foi proposto pela editoria da Falo e apresentar minha visão pessoal, inevitavelmente idiossincrática, de algumas nuances bionianas. Espero ter despertado no leitor o interesse de se aprofundar na obra de Bion e a partir dela, somada à de tantos outros, criar sua própria síntese. Fica claro que a característica que estou privilegiando neste texto é a contribuição de Bion à *atitude do analista*. Outra característica básica é a recusa de Bion em criar um “manual de psicanálise” com receitas teóricas prontas para cada situação. Pelo contrário, sua obra aponta muito mais para as incertezas e o desconhecido das experiências emocionais vividas. Penso que, embora não tantos quanto Fernando Pessoa, Bion também são muitos; alguns leitores o acompanham até o final de sua peregrinação em busca da verdade última, **O**, outros acampam pelo caminho. O renomado maestro e compositor Pierre Boulez disse numa entrevista, baseando-se numa citação de Ezra Pound, que entre os compositores existem os gênios, os criadores e os diluidores. Bach, Beethoven na música, e Freud na psicanálise, estão certamente entre os gênios; a partir dos gênios os criadores se reproduzem em proporção aritmética e os diluidores em proporção geométrica, mas penso que os diluidores não são obrigatoriamente pejorativos. Existem os “diluidores férteis” que disseminam sem se apossar abrindo caminho para novos gênios e criadores, mas existem os “diluidores estéreis” que se apropriam do nome e esterilizam a mensagem do gênio; espero me incluir entre os primeiros.

Bibliografia

Bion, W. R. (1962) *Learning from experience*. London: Willian Heinemann

_____ (1967) *Second Thoughts*. London: Willian Heinemann

_____ (1970) *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

Freud, S. (1911) *Formulations on the two principles of mental functioning*.

S.E. Vol XII. London: Hogarth Press

_____ (1938) *Moses and monotheism* S.E. Vol XXIII. London: Hogarth Press

Gerber, I., “*De Freud a Bion, por los caminos de Lao-Tsu*”, in *Revista Psicoanálisis*, Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires Vol. XXI, Número 3, Buenos Aires, 1999, p. 255

_____ “*O Jogo do Inconsciente*” in *Percurso* 40; p. 55-68, junho de 2008. São Paulo

_____ “*A tonalidade fundamental*” in *Revista Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*. No prelo.

Lao Tsé. *Tao Te King*. Inúmeras edições